

A IRA DOS INVASORES



MULTIDÃO MONTA 1,3 MIL BARRACOS NO PARANOÁ E PEDE TERRA PARA MORAR

Fotos: Nehil Hamilton



De um dia para outro, mais de 2 mil pessoas construíram barracos de papelão, plástico e tecido. Fazem manifestação, desmontam acampamento e prometem voltar se, até sábado, Roriz não lhes garantir área

Rovênia Amorim
Da equipe do Correio

A multidão conseguiu mostrar que não está para brincadeira. De um dia para outro, centenas de barracas de plástico preto, papelão e pedaço de tecido surgiram entre os eucaliptos da via que passa diante das quadras ímpares do Paranoá. A acampamento gigantesco, com mais de 1.300 barracos, foi a forma que o Movimento dos Inquilinos do Paranoá encontrou de cobrar moradia para 4 mil pessoas filiadas à entidade. Querem a distribuição de lotes em alguma área da cidade.

Mas até às 14h30 de ontem, quando foi dada a ordem de desfazer o acampamento, homens e mulheres com filhos no colo continuavam chegando. Muitos carregando material para erguer a barraca. A peregrinação constante pelo acampamento levantava a poeira, que não tinha tempo de assentar-se novamente na terra.

Filas enormes formaram-se na frente de mulheres que se sentavam na terra e apoiavam folhas de papel em branco em troncos de eucaliptos. Eram voluntárias que anotavam os nomes dos acampados para a relação de presença. Só que as listas confundiram a multidão. Muita gente achou que era cadastramento para receber lote ou emprego. A todo instante uma pessoa aproximava-se, ansiosa para saber quem era que estava anotando o nome para receber o lote.

Ao redor de uma pick-up Peugeot, equipada com som, um homem de barba comprida e rabo-de-cavalo falava ao microfone. Era o presidente do Movimento dos Inquilinos, Pedro César Ferreira Maravalha. O discurso lembrava comício de político em campanha eleitoral. Ele criticava o descaso dos assessores do governador Joaquim Roriz, que teriam menosprezado o movimento. "Prometeram vir até o acampamento e não apareceram"

valha. O discurso lembrava comício de político em campanha eleitoral. Ele criticava o descaso dos assessores do governador Joaquim Roriz, que teriam menosprezado o movimento. "Prometeram vir até o acampamento e não apareceram"

“NÃO FAZ SENTIDO VIVER COMO RATO”

Joaquim Roriz que se cuida. Há outro homem que fala tão bem quanto ele a língua do povo. Que sabe escolher as palavras e afinar o tom do discurso ao gosto das pessoas simples. Detalhe: o adversário é do mesmo partido do governador, o PMDB. E votou no mesmo candidato que o povo para o qual fala. Condição que lhe dá força para conduzir um levante por moradia no Distrito Federal.

Prova disso foram as palmas que arrancou da multidão de mais de 2 mil pessoas em discurso demorado no acampamento do Paranoá. "Não estamos invadindo nada. Estamos

só reivindicando um pedacinho de chão. Um pedacinho do chão que Deus deixou pra todos. Que pátria é essa, meus irmãos, que defendemos com todo amor e não podemos morar nela? Somos brasileiros. Não faz sentido a gente viver como cachorro, rato ou barata."

Ex-dono de uma loja de móveis, o líder da luta por moradia no Paranoá dedica-se agora exclusivamente à Associação dos

Inquilinos. "Enquanto o povo estiver comigo, teremos força para brigar", prega o maranhense de São Luís. "O povo é humilde. É fácil de se mexer", constata o homem barbudo que mora há 33 anos no Paranoá, e de nome Paulo César Ferreira Maravalha. (RA)



A revanche foi dura. O líder comunitário tem discurso afinado, de causar inveja a muito sindicalista. "O Roriz é um grande homem, mas está muito mal assessorado. Se tivesse bons assessores, não precisaria da gente estar aqui. Já teria desmatado esses eucaliptos para criar a Expansão do Paranoá", vociferou Maravalha. E cita os assessores: Ivelise Longhi, secretária de Habitação, e João Carlos de Medeiros, presidente do Institu-

to de Desenvolvimento Habitacional (Idhab-DF).

O líder até pensou em radicalizar o movimento e incentivar as mais de 2 mil pessoas a continuarem acampadas. Até o governador Joaquim Roriz ou um dos seus assessores na área de habitação aparecer no acampamento. "Acho que o povo deveria ficar. O governo não é aleijado nem nada. Não vieram até nós para pedir voto?" Depois lembrou que tinha assinado com-

promisso com a Administração Regional do Paranoá de deixar a área na tarde de ontem. Preferiu, então, mudar o discurso.

"Os assessores do Roriz não têm compromisso com a gente, mas nós vamos mostrar que somos educados. Vamos retirar as lonas", pediu Maravalha. Boa parte da multidão que tinha levantando as mãos e votado pela permanência do acampamento não gostou. Uma mulher subiu no palanque de madeirite e come-

çou a gritar. E incentivou o povo a não desfazer o acampamento. "Não retirem as barracas! Não desmanchem! Não derrubem, não derrubem!"

O coordenador do Movimento dos Inquilinos, João Batista de Faria, de 58 anos, interferiu. "Você é uma agitadora, uma oportunista." A situação se acalmou quando Pedro Maravalha pegou o microfone para dizer que desmontar o acampamento não significava derrota. E decretou: "No próximo sábado, o Roriz vem no Paranoá e nós vamos até ele. Se não resolver a nossa situação eu prometo a vocês que voltamos para cá e ocupamos de vez a área. E não quero ver lona. Quero ver é madeirite!"

O povo ficou mais calmo, mas ainda havia resmungos. "Botam o pessoal aqui e mandam passar a noite. Agora pedem para tirar a lona e dizem que quem ficar, fica por conta própria. Que querem então? Que a polícia venha aqui e bata nos que querem resistir? Nos fizeram de cobaia então", reclamava o pedreiro Epitácio Pereira da Silva, de 39 anos. A cabeleireira Gilma Ferreira também não queria desmontar a barraca. "Acho que devemos ficar. Nem que chova canivete. O pessoal está se acovardando", lamentava a mulher de 38 anos.

O administrador do Paranoá, Ruben Bendes, visitou o acampamento duas vezes. Segundo ele, existe um projeto urbanístico para a expansão do Paranoá. A implantação dependeria da regularização fundiária da terra. "Mas a prioridade para receber lote será para quem estiver inscrito no cadastro do Idhab."